

# *Education at a Glance 2007*

## *OCDE Nota para o Brasil*

Os governos prestam cada vez mais atenção às comparações internacionais, uma vez que eles procuram políticas públicas efetivas, capazes de melhorar os indicadores econômicos e sociais, promover eficiência no ensino e ajudar a mobilizar recursos para demandas crescentes.

Em resposta a essa necessidade, a Diretoria de Educação da OCDE se esforça para desenvolver e analisar quantitativamente indicadores internacionais comparáveis, que são publicados anualmente no *Education at a Glance* (Panorama da Educação). Esses indicadores permitem aos formuladores de políticas educacionais e técnicos analisarem seus sistemas educacionais em relação a performance dos outros países e, juntamente com a OCDE, apoiar e rever esforços feitos acerca das políticas educacionais.

Nesta nota estão os principais destaques do Brasil na publicação.

*Education at a Glance 2007* (Panorama Educacional), assim como o sumário executivo, os dados e as tabelas on-line podem ser obtidos por meio de *download* gratuito no site [www.oecd.org/edu/eag2007](http://www.oecd.org/edu/eag2007).

*Qualquer dúvida, contactar:*

Andreas Schleicher

Head of the Indicators and Analysis Division

OECD Directorate for Education

Tel: +33 1 4524 9366, email [Andreas.Schleicher@OECD.org](mailto:Andreas.Schleicher@OECD.org)

## **RESULTADO DAS INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS E O IMPACTO DO ENSINO**

<b><i>Tendências Globais</i></b>	<b><i>Resultados para o Brasil</i></b>
<p><b><i>DIFERENÇAS ENTRE GÊNEROS NO ENSINO MÉDIO POR TIPO DE PROGRAMA</i></b></p> <p><i>Para todos os países da OCDE e para os países parceiros que possuem dados disponíveis, as taxas de conclusão para os programas gerais de segundo nível da educação secundária<sup>1</sup> das mulheres superam às dos homens. Contudo, não há tendência clara para os programas pré-vocacionais e vocacionais.</i></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Na maioria dos países da OCDE, assim como nos países parceiros, os estudantes não seguem um currículo uniforme para o segundo nível da educação secundária. Os programas do segundo nível da educação secundária podem ser divididos em geral, pré-vocacional e vocacional.</li><li>• Para todos os países da OCDE e para os países parceiros que possuem dados disponíveis, as taxas de conclusão para os programas gerais de segundo nível da educação secundária das mulheres superam às dos homens.</li><li>• A média de conclusão, nos países da OCDE, para os programas gerais do segundo nível da educação secundária é de 51% para as mulheres e de 39% para os homens. Há uma diferença de 25 pontos percentuais adicionais na Noruega e no país parceiro Eslovênia.</li><li>•</li></ul>	<p><b><i>DIFERENÇAS ENTRE GÊNEROS NO ENSINO MÉDIO POR TIPO DE PROGRAMA</i></b></p> <p><i>O Brasil segue a mesma tendência, com maior número de mulheres concluindo os os programas gerais de segundo nível da educação secundária e sem uma tendência clara para os programas pré-vocacionais e vocacionais.</i></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Não há uma tendência clara para os programas pré-vocacionais e vocacionais segundo nível da educação secundária. Embora os programas vocacionais sejam mais cursados por homens – 50% dos concluintes dos países da OCDE são homens e 46% são mulheres –, em alguns países o número de mulheres é maior do que de homens, como na Austrália, Bélgica, Dinamarca, Finlândia, em Luxemburgo, na Holanda, Espanha e no país parceiro Brasil. (Gráfico A2.3., página 46, e Quadro A2.4, página 47 do EAG/2007)</li></ul>

## **QUANTIDADE DE ALUNOS QUE CONCLUEM A EDUCAÇÃO SUPERIOR**

<p><b><i>CONCLUSÕES POR ÁREA DE CONHECIMENTO</i></b></p> <p><i>A média de estudantes de ensino superior tipo A e de qualificações de pesquisa avançada<sup>2</sup> receberam qualificações em áreas relacionadas com Ciência (Engenharias, Produção e Construção, Biologia, Física e Agricultura, Matemática Computacional, excluindo Saúde e Bem-Estar Social) é de 25% nos países da OCDE.</i></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• 30% na Finlândia, Alemanha, Grécia e República Eslovaca, assim como percentuais próximos de 40% na Coreia.</li><li>• As áreas gerais de Humanidades, Artes e Educação têm média similar nos países da OCDE,</li></ul>	<p><b><i>CONCLUSÕES POR ÁREA DE CONHECIMENTO</i></b></p> <p><i>O Brasil<sup>3</sup> está abaixo dessa média, com o percentual de 16%</i></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• percentuais de menos de 16% na Hungria, Polônia e no país parceiro Brasil (Tabela A3.3., página 69 do EAG)</li><li>•</li></ul>
--	---

<sup>1</sup> No Brasil, corresponde ao ensino médio ou equivalente.

<sup>2</sup> Programas ISCED 5A são em grande parte de base teórica, e se propõem a fornecer qualificações suficientes para o acesso a programas avançados de pesquisa e profissões com altas exigências de capacitação. Os programas ISCED 5B que são geralmente de natureza mais específica (prática/ técnica/ocupacional) do que os programas ISCED 5A.

correspondendo a 25% das conclusões do ensino superior tipo A e das qualificações de pesquisa avançada.	
---	--

## **IMPORTÂNCIA DOS PROGRAMAS VOCACIONAIS**

### ***PARTICIPAÇÃO DO SEGUNDO NÍVEL DA EDUCAÇÃO SECUNDÁRIA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONALIZANTE<sup>4</sup>***

*Na maior parte dos países da OCDE, a maioria dos estudantes do segundo nível da educação secundária estão matriculados em programas vocacionais ou pré-vocacionais.*

- Em 15 países da OCDE e no país parceiro Eslovênia a maior parte dos estudantes do segundo nível da educação secundária cursa programas vocacionais e pré-vocacionais.
- Áustria, Alemanha, Luxemburgo, Holanda, Suíça, Austrália, Bélgica, república Tcheca, Finlândia, Itália, Noruega, República Eslovaca, Reino Unido e o país parceiro Eslovênia têm 60% ou mais das matrículas nos programas vocacionais e pré-vocacionais do segundo nível da educação secundária.

### ***PARTICIPAÇÃO NO ENSINO MÉDIO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONALIZANTE***

*No Brasil, a maioria dos estudantes do segundo nível da educação secundária estão matriculados em programas gerais.*

- As exceções são Grécia, Hungria, Inslândia, Irlanda, Japão, Coréia, México, Portugal e os países parceiros Brasil, Chile, Estônia, Israel com 60% ou mais das matrículas do segundo nível da educação secundária em programas gerais<sup>5</sup>, ainda que os programas vocacionais e/ou pré-vocacionais sejam oferecidos. (Tabela C1.1., página 277 do EAG)

## **PARTICIPANTES NA EDUCAÇÃO**

### ***TÉRMINO DA EDUCAÇÃO COMPULSÓRIA***

*A educação compulsória, nos países da OCDE e países parceiros, vai de 14 anos de idade a 18 anos.*

- A idade em que termina a educação compulsória nos países da OCDE e nos países parceiros vai de 14 anos na Coréia, Portugal e Turquia e nos países parceiros Brasil e Chile a 18 anos na Bélgica, Alemanha e Holanda.
- Todos os outros países ficam entre os dois extremos com a educação compulsória terminando aos 15, 16 ou 17 anos.
- A idade em que se termina a educação compulsória nem sempre corresponde a idade em que a matrícula é universal.

### ***TÉRMINO DA EDUCAÇÃO COMPULSÓRIA***

*A educação compulsória, no Brasil, está no extremo mais baixo, indo até os 14 anos de idade.*

- A idade em que termina a educação compulsória nos países da OCDE e nos países parceiros vai de 14 anos na Coréia, Portugal e Turquia e nos países parceiros Brasil e Chile a 18 anos na Bélgica, Alemanha e Holanda. (Tabela C2.1., página 291)

<sup>3</sup> No Brasil, inclui-se apenas os dados da Graduação.

<sup>4</sup> São aqueles programas que preparam os participantes diretamente para uma ocupação específica, sem a necessidade de treinamento adicional. O término de tais programas permite a entrada no mercado de trabalho com qualificações técnicas relevantes.

<sup>5</sup> São aqueles programas que não são explicitamente desenhados para preparar os participantes para uma ocupação específica ou para outro programa técnico-profissional mais aprofundado (menos de 25% do conteúdo é técnico ou vocacional).

## ***O TAMANHO DO SETOR PÚBLICO E DO SETOR PRIVADO***

*As instituições privadas têm um papel predominante entre as instituições de ensino superior.*

- No nível superior, as instituições privadas normalmente têm um papel mais significativo na educação do que nos níveis fundamental e médio.
- Os programas de ensino superior tipo B, o setor privado corresponde a 35% das matrículas e o ensino superior tipo A e de qualificações de pesquisa avançada a 21% das matrículas.
- No Reino Unido, toda a educação superior é provida por instituições privadas que recebem subsídio governamental (government-dependent private institutions). Na Bélgica e no país parceiro Israel, tais instituições também recebem mais do que 50% dos estudantes. Também na Estônia, esse mesmo tipo de instituição tem uma parcela significativa da provisão da educação superior tipo A e qualificações de pesquisa avançada (85%).

## ***O TAMANHO DO SETOR PÚBLICO E DO SETOR PRIVADO***

*O Brasil segue a mesma tendência, com a predominância de instituições privadas independentes.*

- Instituições privadas independentes estão em maior número no nível superior do que nos níveis inferiores (em média, 14% dos alunos de educação superior estudam nessas instituições). Esse é o caso do Japão, da Coreia e do país parceiro Brasil, em que  $\frac{3}{4}$  ou mais dos estudantes estão matriculados nesse tipo de instituição (Tabela C 2.6, página 296)

## ***ESTUDANTES ESTRANGEIROS E ESTUDANTES NO EXTERIOR***

### ***OUTRAS INFORMAÇÕES IMPORTANTES***

- Em 2005, mais de 2,7 milhões de alunos do ensino superior se matricularam em instituições fora de seu país. Isso representa um aumento de 5% no total de estudantes estrangeiros reportado pela OCDE e pelo Instituto de Estatísticas da UNESCO no ano passado.
- França, Alemanha, Reino Unido e Estados Unidos recebem mais de 50% de todos os alunos estrangeiros do mundo. Em números absolutos, os alunos estrangeiros provenientes da França, Alemanha, Japão e Coreia representam o maior contingente dos países da OCDE. Estudantes provenientes da China e Índia são os maiores contingentes dos países parceiros
- 30% ou mais dos alunos estrangeiros estão matriculados em Ciências, Agricultura ou Engenharia na Finlândia, Alemanha, Hungria, Suécia, Suíça, Reino Unido e Estados Unidos.
- As conclusões do ensino superior tipo A de alunos estrangeiros correspondem a 20% ou mais das conclusões na Austrália e no Reino Unido. O mesmo acontece na Bélgica. A contribuição dos alunos estrangeiros na conclusão de programas para

### ***OUTRAS INFORMAÇÕES IMPORTANTES***

- Na Espanha, Suíça, Estados Unidos e no país parceiro Brasil, mais do que 15% dos alunos estrangeiros estão matriculados nos programas de pesquisa avançada.

<p>pesquisa avançada é alta na Bélgica, Suíça, Reino Unido e Estados Unidos.</p>	
<p><b><i>NÚMERO DE ESTUDANTES ESTRANGEIROS</i></b></p> <p><b><i>O número de matrículas de estudantes estrangeiros nas instituições de ensino superior está sofrendo acréscimos significativos.</i></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Em 2005, 2,73 milhões de alunos do ensino superior estavam matriculados em instituições fora de seu país. Destes, 2,30 milhões (ou 84%) em países da OCDE. Isso representa um aumento de 4,9% no total de estudantes estrangeiros no mundo, comparado ao ano passado – ou, em número absolutos 127.336 indivíduos.</li> <li>• Nos países da OCDE, o aumento foi um pouco menor, com um acréscimo de 4,6% no número de estudantes estrangeiros em um único ano acadêmico.</li> <li>• Desde 2000, o número de estudantes estrangeiros de ensino superior matriculados nos países da OCDE e no mundo aumento 49% e 50%, respectivamente. Isso representa um aumento anual de 8,2 e 8,4, em média.</li> <li>• Comparado com 2000, o número de estudantes estrangeiros matriculados na educação superior aumentou notavelmente na Austrália, República Tcheca, Finlândia, França, Grécia, Irlanda, Itália, Japão, Coreia, Holanda, Nova Zelândia, Noruega, Polônia, Portugal, Suécia e nas economias parceiras da Federação Russa e Eslovênia, contabilizando acréscimos de 150% ou mais.</li> </ul>	<p><b><i>NÚMERO DE ESTUDANTES ESTRANGEIROS</i></b></p> <p><b><i>No Brasil, o número de matrículas de estudantes estrangeiros nas instituições de ensino superior sofreu redução.</i></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Contudo, na Áustria, Bélgica, Islândia, República Eslovaca, Espanha, Turquia e no país parceiro Estônia, o número de matrículas de estudantes estrangeiros cresceu cerca de 20% ou menos. No Brasil e Chile, esse número até reduziu drasticamente. <b>(Tabela C3.1, página 302 do EAG)</b></li> </ul>
<p><b><i>NÚMERO DE ESTUDANTES ESTRANGEIROS E O TIPO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR</i></b></p> <p><b><i>Alguns países tem maior número de alunos estrangeiros no ensino superior tipo B, outro apresentam predominância desse tipo de estudante nos programas de pesquisa avançada.</i></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Em alguns países uma grande proporção de alunos estrangeiros estão matriculados nos programas de ensino superior tipo B. Este é o caso da Bélgica (29,4%), Grécia (21,3%), Japão (24,2%), Nova Zelândia (26,1%) e o país parceiro Eslovênia (26%).</li> <li>• Entre os países em que não existem dados disponíveis sobre mobilidade estudantil (student mobility), o número de matrículas de estudantes estrangeiros no ensino superior tipo B também é representativo, como no país parceiro Chile (27,2%).</li> </ul>	<p><b><i>NÚMERO DE ESTUDANTES ESTRANGEIROS E O TIPO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR</i></b></p> <p><b><i>O Brasil apresenta predominância de alunos estrangeiros nos programas de pesquisa avançada.</i></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Por outro lado, outros países têm grande proporção das suas matrículas de aluno estrangeiro em programas de pesquisa avançada. Isto é mais notável no caso da Espanha (33%), Suíça (27,1%) e o país parceiro Brasil (42,8%). Esse padrão sugere que tais países oferecem programas de pesquisa avançada atrativos.</li> <li>• Essa concentração pode também ser observada – embora em menor grau – entre os estudantes estrangeiros da Finlândia (14,3%), França (12%), Reino Unido (11,5%) e Estados Unidos (15,7%).</li> <li>• Todos esses países irão se beneficiar das contribuições desses estudantes de alto-nível para a sua pesquisa doméstica e seu desenvolvimento. <b>(Tabela C3.3, página 310, EAG 2007)</b></li> </ul>

## RAZÃO ESTUDANTES – PROFESSOR E TAMANHO DAS CLASSES

### ***OUTRAS INFORMAÇÕES IMPORTANTES***

- O número de estudantes por classe aumentou, em média, em três estudantes nas classes de educação primária e do primeiro nível da educação secundária, mas a razão entre estudantes e docentes tende a diminuir quanto maior for o nível de ensino em razão ao aumento do tempo de instrução. Contudo, esse padrão não é uniforme em todos os países
- Nos países da OCDE, em média, a disponibilidade de recursos educacionais em relação ao número de estudantes no segundo nível da educação secundária é maior nas instituições privadas do que nas públicas. Isso é mais visível no México, onde, no segundo nível da educação secundária, existem mais 14 estudantes por professor nas instituições públicas do que nas instituições privadas. Já nas turmas de primeiro nível da educação secundária, há, em média, um aluno a mais nas instituições públicas do que nas privadas.

### ***OUTRAS INFORMAÇÕES IMPORTANTES***

- O tamanho médio das classes de primeiro nível da educação secundária é de 24 estudantes por sala, mas varia de 30 ou mais no Japão, Coréia, México e nos países parceiros Brasil, Chile e Israel a 20 ou menos na Dinamarca, Islândia, Irlanda (instituições públicas), Luxemburgo Suíça e no país parceiro Federação Russa.

### ***EVIDÊNCIAS E ESCLARECIMENTOS***

***O número de estudantes por turma tende a aumentar em aproximadamente três estudantes entre a educação primária e o primeiro nível da educação secundária.***

- Na educação primária, o tamanho médio das turmas, nos países da OCDE, é de 22 estudantes por sala, mas há uma grande variação entre os países, que vai de 33 estudantes na Coréia a menos de 20 na Dinamarca, Grécia, Islândia, Itália, Luxemburgo, México, Portugal, República Eslovaca, Suíça e nos países parceiros Estônia, Federação Russa e Eslovênia. No primeiro nível da educação secundária, a média é de 24 estudantes por turma, variando de 36 estudantes na Coréia a menos de 20 na Dinamarca, Islândia, Irlanda (instituições públicas), Luxemburgo, Suíça e no país e parceiro Federação Russa.

O número de estudantes por turma tende a aumentar em aproximadamente três estudantes entre a educação primária e o primeiro nível da educação secundária.

### ***EVIDÊNCIAS E ESCLARECIMENTOS***

***No Brasil, o aumento no número de estudantes excede quatro estudantes por turma.***

- Na Áustria, Grécia, Japão, México, Polônia, Portugal e no país parceiro Brasil e Israel, o aumento no tamanho da turma excede 4 estudantes, enquanto na Suíça e Reino Unido há uma pequena queda entre esses dois níveis educacionais (Quadro D2.2). O indicador “tamanho da classe” está restrito a apenas esses dois níveis educacionais, uma vez que tamanho da classe é difícil de definir e comparar nos níveis educacionais mais elevados, no quais, muitas vezes os estudantes frequentam diferentes turmas, dependendo da sua área de interesse. (Quadro D2.2, página 375 do EAG 2007)

<p><b>RECURSOS EDUCACIONAIS NAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS E PRIVADAS.</b></p> <p><i>Não há diferenças significativas no tamanho médio das turmas das instituições públicas e privadas na maioria dos países da OCDE.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A razão estudantes/docentes é menor nas instituições privadas no primeiro e segundo nível da educação secundária, com um aluno a mais por professor nas instituições públicas .</li> <li>• Os exemplos mais impressionantes são do México e Reino Unido, onde, no primeiro nível da educação secundária, existem, pelo menos, 11 estudantes a mais por docente nas instituições públicas, comparando-se com as instituições privadas.</li> <li>• Existem também países em que a razão de estudantes por docente no setor privado é maior do que no setor público. O caso mais proeminente é o primeiro nível da educação secundária da Espanha, em que, há uma proporção de 16 estudantes por docente nas instituições privadas, contra a proporção de 11 nas instituições públicas.</li> <li>• No que diz respeito à média do tamanho das turmas entre os países da OCDE com dados disponíveis, não há diferenças significativas entre as instituições públicas e privadas. A diferença fica entre 1 a 2 estudantes por turma na educação primária e no primeiro nível da educação secundária. Contudo existem diferenças entre os países.</li> </ul>	<p><b>RECURSOS EDUCACIONAIS NAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS E PRIVADAS.</b></p> <p><i>O Brasil faz parte do grupo de países em que o tamanho médio das turmas de educação primária em instituições públicas é notavelmente maior do que o tamanho das turmas do mesmo nível educacional das instituições privadas.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O tamanho médio das turmas de educação primária, em instituições públicas, na República Tcheca, Islândia, Polônia, Suíça, Turquia, no Reino Unido, nos Estados Unidos e nos países parceiros Brasil, na Estônia e Federação Russa, é notavelmente mais alto do que nas instituições privadas – em torno de mais de quatro estudantes ou mais por turma – embora em todos esses países, exceto o Brasil, o setor privado seja pequeno (correspondendo a, no máximo, 5% dos estudantes da educação primária)</li> <li>• Já na Bélgica (francesa), Dinamarca, Islândia, Nova Zelândia, Escócia, nos Estados Unidos e nos países parceiros Brasil, Chile, Estônia e Eslovênia, há pouca ou nenhuma diferença entre o tempo que um professor leciona na educação primária e secundária, particularmente entre a educação primária e o primeiro nível da educação secundária. (Gráfico D2.4, página 379, e Tabela D2.1, página 381 do EAG 2007)</li> <li>•</li> </ul>
<p><b>TEMPO EM QUE OS PROFESSORES PASSAM LECIONANDO</b></p>	
<p><b>TEMPO DE ENSINO ENTRE OS NÍVEIS EDUCACIONAIS</b></p> <p><i>Em alguns países, os professores da educação primária lecionam mais horas do que os da educação secundária; em outros, existe pouca ou nenhuma diferença.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Na França, Hungria, Coreia, Portugal e no país parceiro Israel, um professor de nível primário leciona em torno de 220 horas a mais do que um professor do primeiro nível do ensino secundário e, exceto na Hungria, 250 horas a mais do que um professor do segundo nível de ensino secundário (programas gerais) nas instituições públicas.</li> </ul>	<p><b>TEMPO DE ENSINO ENTRE OS NÍVEIS EDUCACIONAIS</b></p> <p><i>O Brasil faz parte do grupo de países em que existe pouca ou nenhuma diferença.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Já na Bélgica (francesa), Dinamarca, Islândia, Nova Zelândia, Escócia, nos Estados Unidos e nos países parceiros Brasil, Chile, Estônia e Eslovênia, há pouca ou nenhuma diferença entre o tempo que um professor leciona na educação primária e secundária, particularmente entre a educação primária e o primeiro nível da educação secundária. (Gráfico D4.1, página 402 do EAG 2007)</li> </ul>

## **OBSERVAÇÃO:**

- De acordo com a Classificação Internacional Padronizada da Educação de 1997 (ISCED97), há sete níveis educacionais. A seguir encontra-se a correspondência entre tais níveis e os níveis/modalidade do sistema educacional brasileiro.

**Tabela 1 - Correspondência entre os níveis educacionais do ISCED 97 e o Sistema Educacional Brasileiro (2004)**

<b>Níveis do ISCED 97</b>	<b>Sistema Educacional Brasileiro (2004)</b>
<b>ISCED 0</b> ( <i>Pré-primary level of education</i> ) (Educação Pré-primária)	<b>Creche e Pré-escola</b> (estudantes com três anos ou mais)
<b>ISCED 1</b> ( <i>Primary level of education</i> ) (Educação Primária)	<b>Ensino fundamental de 1ª a 4ª série ou equivalente</b>
<b>ISCED 2</b> ( <i>Lower secondary level of education</i> ) (1º nível da educação secundária)	<b>Ensino fundamental de 5ª a 8ª série ou equivalente</b>
<b>ISCED 3</b> ( <i>Upper secondary level of education</i> ) (2º nível da educação secundária)	<b>Ensino médio</b>
<b>ISCED 4</b> ( <i>Post-secondary non-tertiary</i> ) (Pós-secundário não-terciário)	( <i>Não se aplica ao Brasil</i> )
<b>ISCED 5</b> ( <i>First stage of tertiary education</i> ) (Primeiro estágio da educação terciária)	Educação terciária tipo B ( <b>Educação Superior em Tecnologia</b> )
	Educação terciária tipo A ( <b>demais cursos de graduação; excluindo-se os cursos sequenciais e os de especialização <i>lato sensu</i></b> ).
<b>ISCED 6</b> ( <i>Second stage of tertiary education leading to an advanced research qualification</i> ) – <i>doctoral and pos-doctoral degrees</i> (Segundo estágio da educação terciária, levando a qualificação avançada para pesquisa) – doutorado e pós-doutorado.	Pós-graduação ( <i>stricto sensu</i> ): <b>mestrado, mestrado profissional e doutorado.</b> <u>Observação:</u> <i>os curso de mestrado, na maioria dos países é considerado um estágio mais avançado do ISCED 5A.</i>